

Poiesis: o despertar da escrita

Coletânea de textos I Sarau Literário Poiesis

Organizadores:

Carina Fior Postingher Balzan

Paulo Tonezer Júnior

Bárbara Pilatti Piffer



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves



poiesis

Coletânea de Textos

I Sarau Literário Poiesis

Organizadores

Carina Fior Postingher Balzan
Paulo Tonezer Júnior
Bárbara Pilatti Piffer

Projeto gráfico e diagramação

Paulo Tonezer Júnior

Criação do logotipo

Daniel Clos César

Autores

Alessandro Frozza
André Luiz Franco Silva
Andressa Conterno Dal Magro
Ângela Zatt Lazzari
Bernardo Bortolini Zanette
Claudete Scaratti
Dafne Vitória Tamagno
Gabriel Elias Josende
Iago Spellmeier Zuchi
Kellen Melo Pinheiro
Leonardo Froner Moreira
Lucas Guimarães de Araújo
Maurício Perotto
Paulo Tonezer Júnior

Bento Gonçalves, 2024

Sumário

Poemas

Inveja da pedra.....	V
Soneto sem título.....	VII
Luxúria.....	VIII
Uma garrafa de vinho.....	IX
LouCURA.....	X
O mundo de Alice.....	XIII
Os vermes.....	XIV

Contos

Eu-tu-ismos.....	XXVIII
A xícara de leite.....	XXV
Velório de um lambe-lambe.....	XXX

Crônicas

Capítulo 28.....	XXXVII
Quarenta e cinco.....	XXXIX
O fim das dores.....	XLII

Apresentação

As produções literárias que compõem esta publicação foram apresentadas no I Sarau Literário promovido pelo projeto Poiesis: o despertar da escrita, realizado no dia 10 de outubro de 2024, na Biblioteca Firmino Splendor, no *Campus* Bento Gonçalves do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS).

Poiesis: o despertar da escrita é um projeto de ensino que tem como objetivo principal fomentar a escrita e a divulgação de textos literários de autoria de estudantes e servidores do *Campus* Bento Gonçalves, promovendo a Biblioteca Firmino Splendor como um espaço privilegiado para a escuta e a partilha dessa produção.

Os poemas, contos e crônicas aqui apresentados são textos inéditos, de temáticas diversas, produzidos de forma espontânea por estudantes do Ensino Médio integrado ao Ensino Técnico e do Ensino Superior, além de servidores da instituição, e revelam o talento e a coragem desses escritores, a maioria deles estreantes no mundo da literatura.

Promover um espaço para a socialização desses textos é dar voz e visibilidade ao processo reflexivo desses sujeitos, que se manifesta por meio da escrita. Espera-se que esta publicação incentive outros estudantes e servidores do IFRS a se aventurarem na escrita literária.

Carina Fior Postinger Balzan
Coordenadora do Projeto

Inveja da pedra

Jago Spellmeier Zuchi

Se eu contasse da minha miséria, ó pedra,
Só teu duro coração aguentaria.
Como invejo teu sono uterino!

Neste cárcere de sentidos,
Se não sofro a dor do agora,
É da espera dolorida
De um prazer que não retorna.

Tu perguntas por que vivo, ó pedra?
Assim digo: por mania!
Viver é teimosia da matéria viva.

E tu, infeliz?
Acaso pensas que superas a pedra?
Não terias tu também
Te rebaixado ao estado de verme
Provando o fel desses nossos dias?

A pedra, pelo menos,
Nunca sente nossas dores.
Nem frios, nem calores,
Nem a angústia de respirar.

Se é contra ti que a pedra se choca,
Não é por ódio que quebra teus ossos.
Sempre parte seu voo
Da mão nefasta do carrasco
Que não suporta as próprias mágoas.

E quando voltares ao pó da terra,
Ainda ela te guardará.
Sobre o féretro do cadáver,
A pedra é a única que sempre vela.
Nela gravada,
A última frase bela
Exaltará teu caráter.

Soneto sem título

Alessandra Franza

Perceba! O amargo estalar
Dos segundos, a carne, decair.
A morte, a cada seca batida,
Do antemoribundo, desfrutar.

Neste sepulcrário, o autômato,
Inverossímil e crível, produz
Austero e sujo estratagema
Dessa moléstia invariável.

Meu escólex range empedernido
Neste esgareiro locus mortis
Que grasna defronte ao autocídio.

Cada crepitação irregular,
Esconde, o gritar da íntegra
Como mais radicada confissão.

Luxúria

André Luiz Franco Silva

Em versos ousados vou desvelar
A luxúria em seus ardores profanos.
Nas asas da paixão, Lilith, a amante
Na alcova dos desejos soberanos.

Oh, doce tentação, a libido em chamas
Qual cereja exala o prazer intenso.
Seduz, enlouquece, em lascivo enlace
Saboreando o fogo em cada avanço imenso.

À pimenta do êxtase, cúmplice audaz
Corpos dançam rendidos ao tesão.
Na luxúria, o prazer se multiplica
Em verso e verso, revelo a tentação.

Que os deuses e deusas, sem pudor algum
Abracem o erotismo nesta canção.
Pois, na luxúria, somos vida e furor
Um eco selvagem a pulsar no coração.

Uma garrafa de vinho

Angela Zatt Lazzari

Um garrafa de vinho

E uma taça

Há quem diga que não se bebe sozinho

Mas como eu sempre preferi fazer pirraça

Vou beber sozinha essa doce ameaça

Ameaça ao meu fígado

Que está quase rasgado

Antes ele, do que um coração quebrado

Uma taça

Demora mais para esvaziar uma garrafa

Todavia, me explica

Se quem divide, multiplica

Por que nunca vi a primeira taça vazia?

LouCURA

Andressa Conterno Dal Magro

Tão difícil expressar

Como é

Tão difícil

Clicar para enviar

Soltar a voz

Desabafar...

Difícil (se) ajudar.

Só reprimir

Reprimir...

Esquecer

Esquecer...

Só ouvir

Não deve...

Deve!

Expressar...

Um grito de louCURA

Cura

Para expressar

O medo vai terminar

Na aceitação...

Decisão!

Vira o jogo

Assume os sentimentos.

Um grito de louCURA

Cura...

Expressar

Caneta e papel na mão

Para expressar

A música é a inspiração

Dos versos de uma poesia.

Poeta

Esconde segredos

Revelação

A solução!

Para expressar

Compartilhar

O grito de louCURA

Cura...

Ser feliz (O mundo de Alice)

Maurício Perotta

Passo a vida a buscar desculpas,
desculpas pra não ser feliz.
Justifico muito bem – obrigado –
minha incapacidade de amar!
Amar, até mesmo, o odiado.

Quem dera fosse tudo louco e fácil
como Alice em seu país estranho,
repleto de lições obscuras,
transparentes às crianças – puras –
Que sempre souberam ser felizes.

Mas nosso mundo assim não é!
Falta-me força, um impulso.
Libertar-me das lições hipócritas
do livro amarelado de minha história.
Deixá-lo às traças, mudar da vida o curso!

Nosso mundo adulto, tão culto...
é a rainha que manda cortar cabeças,
deixando-me confuso,
sem saber transpor as portas,
afogado em minhas lágrimas.

Os vermes

Dafne Vitória Jamagno

Na fâisca do trovão vejo insetos devorando um cadáver.
Figura nauseante, que me enrijece as vísceras.
Como morrera tal defunto na floresta?

Faria a biópsia
se não tivesse nojo.
Faria a biópsia
se tivesse luvas.
Faria a biópsia
se não estivéssemos debaixo de chuva,
e ao lado de uma árvore;
hipotético alvo da cólera do superior.

Oh, tem piedade de nós.
De mim e dos vermes.

Me importo com eles agora,
mais do que me importo com minha casa,
porque está vazia
e nada material preenche
o buraco de dentro.
Nada de material preenche
o buraco de dentro.

Do lado do morto me deito
porque também morto de alma me encontro.
Este que invejo
porque pelo menos
os vermes o acompanham,
até que não sobre mais nada.

Ele, os vermes e a eternidade.

Partículas de existência que são devoradas;
melhor dizer, do que já fora existência.

Remeto o regozijo de outrora,
em que não estava perdido
sob um céu sem estrelas.

As via no céu,
e quando ele nublava,
via no reflexo do meu olhar:
aquele de jovem,
que acredita na vida
como uma criança
acredita em fadas.

Faz frio na minha pele,
faz frio nas minhas mãos,
faz frio nas minhas vísceras
congeladas de desesperança.

O rosto do cadáver eu toco,
para tentar ver o semblante de sua morte.
Pobre coitado acompanhado por vermes!
Aqui, só vivo de pobre coitado.
Não reconheço as causas de sua morte,
mas creio que morrerei também.

Sinto o frio e a chuva tomando conta.
Chego com meu rosto mais próximo do amigo.
Espero que, ao menos,
possamos compartilhar
nossos restos de existências
na barriga dos vermes.

Não sinto o frio,
não sinto a faísca do trovão na árvore,
não sinto mais dor,
apenas a pungência de algo adentrando a boca.
Outra na testa.
Outra no ouvido.
Gargalho.
Gargalho.
Gargalho
sentindo minha boca se encher.
Engasgo com alguns inquilinos,
mas sorrio,
sorrio pela visita.

Me visitem.

Me visitem.

Façam casa em mim.

Me ensinem o que é ter
uma existência de sentido.

Preencham

com seus corpos

o vazio

que mora dentro de mim.

Se eu pudesse,

não teria feito nada diferente.

Eu-tu-ismos

Paulo Fanezer Júnior

Por derradeiro, jaz aqui o refúgio de um miserável, mormente o mais digno e infeliz dos desafortunados... Veja bem, porque é realmente preciso ver bem, e não me refiro aqui ao conceito conhecido de visão, até porque minhas órbitas foram devoradas há um bom tempo e não consigo mais enxergar o que tem lá fora, mas, no fim das contas, as ossadas servem bem ao propósito de palitar os dentes. Sério, eu juro que não é tão desconfortável ou amoral quanto soa. A gente pratica um tipo de vilipêndio diferente todos os dias, não é verdade? Contudo também não me refiro à capacidade cognitiva de compreensão e interpretação de... bem, você sabe, você sabe aonde quero chegar assim que me viu pela primeira vez e decidiu desperdiçar seu tempo comigo... Por quê? Por que reagir dessa forma? Ah... convenhamos... que cara é essa? Que nariz torto é esse? Que olhar cerrado é esse que até poucos instantes atrás me fitava com tanta voracidade? Será que era fome mesmo? Estou sendo indigesto? Repulsivo demais? Pesado demais pro seu estomagzinho de lata? É, eu sei, eu sei... a gente se senta, se concentra, pretende despender um tempo junto, mas tanta coisa acontece ao nosso redor, tantas pessoas, tantos acasos, tantos desvios, acontecendo, sendo, provocando, vivendo, distraindo... e uma hora a saliva acaba, eu sei, eu sei bem.

E eu também já fui assim, lá, lá no começo, na primeira linha, quando a gente não sabe muito bem aonde vai dar e por quais linhas sinuosas a história vai se desenrolar, mas a gente sabe exatamente como tudo termina. Essa é a graça, né? Eu também achava que dedicaria grande coisa à primeira traça que roesse minha carne, mas acabou por pouca bosta, porque, se você não sabe, a primeira coisa que o corpo faz ao padecer é evacuar toda escuridão que ocultamos interiormente. No final, cai tudo por terra, o papa tá de calças baixas e vestindo cinta liga branquinha igual a bundinha pálida do rei nu. É bem pungente, mas não tanto quanto o que você encontra inscrito em outro... corpo... irmão? Um certo tipo de irmão, mas de um parentesco bem distante, claro. De qualquer forma, tem um termo específico pra isso; chamam de odor cadavérico, e depois de senti-lo pela primeira vez, você não esquece nunca mais. Só que ninguém te conta, porque não querem te contar, que a gente sente esse cheiro nefando o tempo todo... ou você acha que uma multidão cheira a quê? Porque é isso que estou tentando te dizer, te contar, mais especificamente. Todos esses corpos ao seu redor, todos esses membros em movimento e os gestos que compõem, eles falam. Despachados diretamente do interior dos vivos-mortos. Enquanto move esse seu olhar biônico de raio-x pra tentar satisfazer essa sua imaginação embebida em perversidade, eu te desafio a um exercício.

Vai, vai fundo... só mais um pouquinho... isso aí... as entranhas. Ah... todo mundo tem entranhas, todo mundo tem histórias pra contar — inventadas, é claro —, porque todo mundo oculta escuridão. Agora deu pra sentir, né? E esse cheiro deve estar tomando conta das suas narinas, descendo até a boca, tomando conta do ar enquanto descende até seus pulmões, fazendo suas glândulas salivares crescerem, crescerem, crescerem... você se sente grande, né? Cheio da palavra. E essa sua língua rija, rigor mortis, quer falar, né? Por que, ao invés disso, você não a cala encostando-a no papel? Deixa sua marca, grava esse papel, incrusta esse ruído escuro e gosmento que sobe, sobe, sobe... assim como ele subiu. É... aquele corpo suspenso em praça pública, dependurado, esverdeado, meio acinzentado, tudo à mostra, repulsivo. As línguas mal-ditas sussurrando sobre as circunstâncias insólitas, o momento impróprio, a forma inadequada. Péssimo, deselegante, afetado, que exagero dar cabo da vida na frente de todo mundo. Tem coisas que a gente faz entre quatro paredes, disseram na igreja, como se o fetiche tivesse hora ou lugar pra acontecer. Mas sabe o que me dá raiva? É que prenderam uma fitinha nesse corpo pra fazer parecer outra coisa, se diferenciar dos demais, deixar mais lúdico, sabe? Essa ideia fascista de intelectualismo. Horrendo! E tem aqueles que por vontade própria cingem o próprio pescoço nessa língua pobre e ressecada de seda, porque a escuridão neles é pouca. Essa irremediável pouqueza.

Difícil criar simpatia nessas condições, porque é clamar por atenção, por ser visto, por medo de acabar em esquecimento. Só que o risco de morte é uma constante. Eu também tinha medo de morrer no meio do caminho, lá no começo. Porém, a gente morre todo dia. Quando viram aquele corpo, disseram que era uma morte inusitada. Não dava pra fingir que não viu e simplesmente voltar pra sala de aula, pro trabalho, pra casa e só então desviar o olhar, como se não tivesse acontecido, lido e falado sobre isso. A cabeça recostada no travesseiro e as ideias fluindo pela corrente sanguínea dos tubos de ensaio do corpo que transbordam pelas narinas, reentram o corpo pela boca e seguem o fluxo até... já expliquei toda ordem do processo, né? Só que corrói. É pra doer, fustigar mesmo, deixar você prostrado, sem conseguir dormir e sonhando acordado, sonambulando por aí. Às vezes, a gente até vomita, mas é que é pra ser comovente, e isso move as entranhas! Porque, ao fim e ao cabo, quantas mortes inusitadas você já sofreu, em vida, até agora? Enfim, sejamos sinceros, eu te enganei desde o começo, mas é que essa é a graça da coisa. A arte da enganação. Eu sobrevivo porque as pessoas gostam de ser enganadas, embora nem todo mundo entenda isso e encare com olhos de desvirtuação, moralismo, provincianismo, filistinismo par excellence. E você foi diferente, mas também não foi tão indistinta assim, porque você me encarava como um animal exótico, peçonhento, esquisitíssimo, e isso te atraía deveras, né?

Você até comentou com alguém que amou me conhecer e que queria passar mais tempo comigo, me tocando, me sentindo, me interpretando. Quando me levou pro íntimo do seu quarto, finalmente, e me despiu com tanta... tanta raiva. Você queria se ler em mim, e sentiu o maior prazer quando sobre si se projetava a imagem de um corpo disforme, quatro braços, vinte dedos, às vezes corpulento, noutras mais franzino, uma carranca tatuada sobre milhares de faces, uma língua dentada e áspera, dentes mortalmente esculpidos, gotejante, prestes a te abocanhar. Um algo por ser desvendado em carne viva, pulsante, fumegante, que te adentrava, te prendia, te devorava, e seus dedos tremiam, sua voz falhava, as costas arqueadas, os olhos cheios de lágrimas enquanto talhava sua carne e gravava este corpo no seu. E como se esquecer da manhã seguinte, a borra de café da noite anterior ainda manchando a mesa da cozinha, as janelas e portas do apartamento esparramadas pra todo mundo ouvir, e você ainda sem conseguir sequer levantar da cama porque queria acreditar que tudo aquilo havia sido real e que te definia enquanto alguém? Você até deixou escapar que queria me rasgar, deitar nas entranhas e se banhar no sangue. Quer dizer... você disse que me amava. No fim, você encontrou um poço, não, um abismo entre mim, entre nós dois. E eu não precisei te prometer nada pra desencadear esse torpor. Você se chocou com uma indelicada parede de ruído mudo, sem respostas prontas, sem carinho, sem amenidades, sem

nada. Porque eu compartilhei o silêncio com você e o seu modo de enxergar as coisas. Porque o meu medo era o de ser lido às avessas e o seu também. Você achava que havia encontrado um semelhante, algo com que valesse a pena destinar seu tempo por algumas horas. Foi divertido, como sempre, mas agora você fica aí, rastejando, querendo voltar. Só que eu não estou lá, eu nunca estive. E você também não foi a única, e enquanto você me tocava eu sentia o toque de tantos outros desavisados. Mas o prazer... ah... o prazer real nunca é meu, afinal. E, por acaso, você se deu conta de quantas vezes desocultei o “eu” nas últimas linhas? Elas te enredaram tanto que uma delas escapou e deve ter te cegado. E como posso, logo isto, ter a ousadia de usar “eu”? Logo eu? E de onde vem isso? Quem é o sonho e quem é o sonhador? Porque, embora o foco seja o “tu”, eu sou o “eu”. Aliás, quem está enganando quem nessas palavras-cruzadas? Desde o princípio, eu não ocultei tanto assim. Desde o princípio, eu te dei todas as pistas sobre o fim. Mas você segue aqui, me lendo, me agarrando com força enquanto esvaio por seus dedos, tentando me ler, mordendo cada palavra, deixando este corpo cheio de marcas de toda forma e intensidade, crendo ter me lido. Se vem até mim sem nada a oferecer, levará apenas meu nada. Meu mudo e impassível nada. E eu te desdenho, porque você ainda tem voz. Porque agora você seguirá por aí sabendo como é sentir, vazia de poucas verdades. E eu permaneceré aqui, sob a pele morta, roído pelo mofo, de-

vorado pelas traças, tocado por dedos encardidos que se desencontram, largado na mesa de cabeceira de uma estória que você revive no pretérito imperfeito do subjuntivo, perdido no ponto cego da mancha gráfica.

A xícara de leite

Bernardo Bertolini Zanette

Quando a cidade acordava, era o momento do ruído dos carros, do vestir lento das mulheres com seus vestidos delicados de algodão e do espreguiçamento dos sem-teto – sem luxúria, sem nada. A rua era viva como um organismo, e os homens que paravam na viagem ao trabalho sempre tinham em mente ir ao café da Tishina. O lugar era o centro das atenções do homem comum da cidade, e todos o adoravam. Sobre o apelido “Tishina”, nada se sabia da origem: devia ser antigo, dado por alguma situação específica de erro de grafia ou fala. Quanto à dona, era uma mulher forte, cujo zelo e a dureza com os que a testavam no café eram reconhecidos e, até, temíveis. Não podia deixá-los livres: no momento em que virasse a cara, poderiam lhe puxar a saia ou dar-lhe cantadas vergonhosas. Sendo assim, tinha punho dobrado. Às sete horas, todos já corriam aos seus afazeres e deixavam o café em um pulo. Nesse momento, Tishina sabia quem viria e, ao esperar alguns minutos, a figura de Camelo se definia do outro lado do balcão. Ele era esperado todos os dias, tinha jeito raquítico devido à natureza magra, braços finos, os quais só se moviam para atravessar a rua com mais rapidez. Seu nariz era grande, torto, tinha olhos fundos e cabelo curto. Todas as características de seu físico eram vistas pela dona do café

e, como ela mesma costumava dizer, vinha ali um “bom homem da paz”.

Camelo era muito conhecido, é verdade, por dois motivos diferentes: o primeiro, porque a família, de origem italiana, estava atrelada ao comércio da cidade, na compra e venda de alimentos. Poder-se-ia classificá-los como ricos, entretanto nunca deixaram rastro de exibição. O segundo motivo de sua fama era a taciturnidade: não chegava a ser homem de poucas palavras, era de nenhuma. A alcunha explicava-se sozinha. Seus únicos vocábulos eram um pedido de uma xícara de leite logo de manhã. Nem café com leite, nem café puro, mas leite. Esse era o pedido de sempre, de modo que Tishina bastava vê-lo para esquentar a bebida e servi-lo à mesa. Poupavam-se palavras. Nunca se soube se ele chegava depois de todos propositalmente, a fim de evitar as pessoas e as conversas, ou se era coincidência do destino. Após agarrar a asa da xícara, Camelo sentava-se à mesa rotineira, próximo à porta. A proprietária, por sua vez, aproveitava seus instantes de silêncio e sentava-se numa cadeira atrás do balcão para ler alguma de suas revistas.

As histórias do mundo, como sabem, são contadas com empolgação quando há acontecimentos fora do comum e, por enquanto, estava estabelecida somente a rotina naquele café. Porém, como há de ser, certo dia foi diferente: numa manhã, Tishina, com a chaleira parada pela recém-saída do resto do povo, apoiava os cotovelos em cima do balcão. Não se sabe se esperava Camelo ou se só estava com a

preguiça no corpo. Apesar disso, o tático homem vinha atravessando a porta, sério, como de costume. A mulher, deixando o formato dos cotovelos no vidro embaçado, foi apressadamente à caixa de leite, enquanto Camelo se sentava. Ambos sabiam os próximos passos: ele tomaria seu café; ela, seu posto de descanso. Todavia, uma figura corpulenta e confiante apareceu como uma sombra no local. Ele parecia estar verificando tudo, devia ser inspetor ou turista: passava a mão nas mesas durante seu caminho ao pedido, olhava o entorno e as decorações e respirava como um porco. Era bisbilhoteiro por natureza, isso era certo. Nem tinha reparado no outro homem do lugar, só tinha olhos curiosos à dona, como se dissessem “é aqui que peço meu café?”. Para sorte do bolso de Tishina, ele pediu mesmo, juntamente com um salgado quente para completar a manhã. Com relação à conta, tudo foi acertado. O homem foi se virar a fim de buscar uma mesa. Seus olhos, na procura, encontraram Camelo e sua xícara de leite. “Que diabos é isso?”, expressava o rosto do sujeito. De fato, para alguém que não vivia no café, o hábito de Camelo era de se questionar, mas o estranhamento não bastava, era preciso expressá-lo. Quando todos se deram conta, não sobraram piadas e caçoadas de dentro da boca do sujeito. Chamava Camelo de todos os nomes, trocava-lhe o sexo e culpava o pai pela criação. Camelo permanecia calado, como uma pedra. “Além disso, não é homem para responder”, dizia o sujeito. Por razões de força e tamanho, Tishina permaneceu

em seu lugar, não sabia o que poderia fazer naquela situação. Era forte, sim, mas nesse caso não tinha escolha. Os risos eram altos, mais apelidos eram postos em fábrica, enquanto quem os sofria não soltava uma sílaba sequer. O fim do conteúdo da xícara tinha chegado, Camelo levou-a até a pia atrás da dona sem ao menos fazer contato visual com o outro. Este continuava a zombar, a rir, e chegou ao ponto de segurar o ombro do taciturno no caminho, como para esperar uma reação, porém nada veio. Era como falar com uma árvore.

Camelo, indiferente, foi-se embora, Tishina calou-se, e o homem virou as costas e voltou a comer seu salgado. “Viu aquela aberração?”, perguntava à mulher. Ela, concordando com a cabeça, tinha o coração pesado pela impotência. Tentou consolar-se de mil maneiras, pensando que Camelo era quieto porque não ligava para tudo aquilo, amanhã estaria no café de novo, na mesma cadeira, fazendo tudo igual. Depois de alguns minutos de reflexão consigo e de concordância com o importuno, resignou-se. O suposto “turista” continuou suas risadas sozinho até o fim do lanche. Mais tarde, ao tirar o sorriso da boca para acabar o resto da bebida, viu um vulto de canto de olho. Tishina, posta no balcão, deixou escapar um soluço – um susto vindo do coração – e levou a mão à boca. Camelo, que estava na frente da porta, de volta ao café, parado, sem nenhuma palavra a dizer, num impulso de natureza oposta e misteriosa, apontou a arma contra o sujeito e deu-lhe

três tiros. O vermelho morto respingou no rosto dos vivos. O julgamento estava feito, e Camelo, sem palavra alguma, foi-se embora antes do grito.

Velório de um lambe-lambe

Leonardo Moreira

De suposto, o tempo exilado foi cruel comigo, postas as barbas no que era nu e rugas no que era liso. Assim que bati à porta, a mulher que tomei por empregada de meu pai recebeu-me com um deslize no rosto. O momento foi disfarçado pela brusca compostura ante um estranho, mas demorou a evaporar a reação inicial. Parecia ter visto um fantasma.

Dormi na vinda, e pouco me lembro das vistas que irromperam meu sono. A constante modulação de luzes à janela dificultou qualquer serenidade, mas o embalo do trem foi suficiente para que cedesse ao peso das últimas noites despertas. Vez ou outra, a mente via-se subitamente às escuras, e não havia discernimento entre querer abrir os olhos e poder abri-los. Dormi tão bem quanto supunha que o homem dormia agora, finalmente. A visita seria no dia seguinte, e planejei não prolongar-me demais nesses trâmites de morte, menos em respeito a ele e mais em piedade aos que o enterravam, estes, sim, que o amavam e o tinham por pai.

Antes de ferir a modéstia daquele lar, refreei o passo na consciência de que não seria bem-vindo por todos que ali enlutavam. O telegrama não trazia os detalhes, porque é sabido que há pouco mistério na morte de velhos ambulantes, mas apenas a assinatura da primeira mulher

já parecia instaurar certa trégua entre nossas linhagens. Achei de bom tom visitá-los, como perdão velado em um momento difícil, mas, para evitar desconfortos, afundei a três-por-quatro de minha mãe na carteira, a salvo do mútuo rancor.

Assim que anunciado pela ama na sala de estar, fui abraçado por Dona Celinda, que acalentou meus braços de tal modo que me desarmou um pouco da distância. Ao fim, afastou o queixo de meu ombro suavemente. Com as mãos rígidas, enquadrou as maçãs de meu rosto para que pudesse me ver melhor pela névoa da catarata. Demorou-se à parca vista nos inéditos fios de meu mustache mouro, disse que eu estava grande, que era bem-vindo, que ele teria ficado muito feliz de saber que compareci.

Seus filhos cumprimentaram-me como os desconhecidos que eram. Apertos de mão frouxos e breves. Evitaram contato visual, como se eu fosse um animal selvagem, perigando atacar ao menor estímulo. Talvez não esperassem que eu viesse, passado o que se passou. Sem aviso, Dona Celinda enganchou-se em meu braço e guiou os passos ao quarto, onde deixou-me sozinho à luz de velas com meu pai. Os limites próximos da sala minúscula eram pouco visíveis, e o que antes tomaria por claustrofóbico em melhores condições estendia-se por léguas de léguas. Aquelas paredes pareciam nunca ter sido tocadas por luz alguma, que não as espontâneas chamas que avivavam o cômodo. Suspeitosamente, as janelas estavam barricadas,

tábuas apregoadas faziam a separação daquele domínio e nosso mundo. Algo indicava que “o que era esse lugar?” não possuía a mesma resposta à pergunta “o que viria a ser?”, e o homem no centro poderia responder todas as minhas dúvidas, mas não o faria.

O corpo parecia mal-nutrido, apesar de sempre ter tido o porte esquelético. Somando-se à magreza, empalidecera nas horas de morte o que não escurecera em décadas de vida, senão por pontinhos escuros na pele, produtos de sua contínua exposição à luz do sol. Essas manchas contrastantes à brancura das mãos e do rosto eram como o grelado nas paredes claras, posto pelo tempo de ser daquela velha casa. Percebia-se o capricho dos que organizaram a cena pelos fios penteados de seu cabelo ralo e bigode prateado, bem como pela vestimenta em que o puseram, terno que suponho cedido pelo agente funerário. Sua imobilidade era desconcertante. Não fosse o tremeluzir irregular dos pavios e minha pesada respiração quebrando o silêncio do quarto, acreditaria ter escorregado para dentro de um de seus instantâneos. Encarei-o por longos instantes com a latente certeza de que abriria os olhos a qualquer momento para contrariar-me.

Acimando seu escalpo, jazia uma espécie de altar, à altura dos olhos. Era uma coleção de fotos de família, separadas daquele ar parado pela chapa de vidro dos porta-retratos. Uma foto mostrava certa tarde na praia, os meninos ainda novos rodeando Dona Celinda em seu vestido veranil,

flores cinza em fundo cinza. Os óculos escuros da moça, iluminados pelo reflexo, eram preenchidos do mais puro branco. A luz forte escondia da objetiva seus olhos.

Outra foto era apenas dos meninos, agora mais velhos, sentados no sofá. A luz que vinha parecia ser da alvorada, filtrada pelas frestas da janela, a projetar nos jovens sentados a estampa zebra do dia. Outra foto era de um aniversário. O menininho no centro olhava a modesta torta com desejo, a boca aberta evidenciava os dentes de leite, todos brancos e irregulares, como papel picotado por criança. Talvez estivesse no meio de estocar seu sopro.

A luz da vela emanava uma aura vaga no doce, o que explicava as outras crianças, meus meio-irmãos e seus amigos, estarem afundados em uma vinheta gradativamente mais escura nas bordas da imagem. Um deles deve ter piscado no momento da foto, mas com alguns milésimos de largada, visto que ainda se via por entre os cílios serrados o brilho da vela. Uma menina mais próxima da câmera me encarava com o pescoço torcido, flagrada.

Eram “fotos de família”, daquelas que não tive. Digo “fotos de família” em oposição a “fotos em família”, pois esta era a estranha verdade: meu pai não contracenava com seus filhos ou esposa em nenhum dos registros. Era óbvio. Era ele próprio o fotógrafo. O altar louvava o ofício daquele homem, o único ali capaz de dobrar os processos químicos e físicos à sua vontade. Fosse outra época, seria um pintor rodeado por encomendas.

Li em algum lugar a respeito da prática mórbida de fotógrafos primitivos, que registravam cadáveres em poses cotidianas; por vezes, em retratos familiares. Era um ingênuo hábito de quem não via mais horror naquela maneira de preservação do que nos próprios fatos da morte, ainda que nos assombre hoje em dia com a crueza de um empalhamento. Nessas fotografias, dada a rigidez dos defuntos, os assuntos principais da foto não eram acometidos dos mesmos espasmos involuntários que os vivos. Seus corpos rijos seguiam rijos durante os longos minutos de exposição à objetiva. Sua família, de pose tingida anacronicamente com o absurdo da situação, não podia evitar respirar, tensionar a musculatura, titubear os pés, ora distribuindo o peso do corpo na sola esquerda, ora na direita... O resultado final era o corpo em desfoque, sondado por sutis sombras de luz. Uma distância fantasmagórica nos olhos, um brilho incerto. Os mortos, nítidos como os raios do dia, eram mais vivos do que os vivos.

Tirados de contexto, aqueles retratos no altar pareciam postos como memorabilia de uma família de falecidos. Talvez fosse uma condição genética que não herdei, uma tendência a morrer por parte de pai. Ele mesmo protagonizava apenas uma das fotos, o que indicava ter sido batida por outro profissional. Talvez fosse prévia ao início de sua carreira. Essa anomalia estava em destaque das demais. Ligeiramente posta à frente e centralizada

acima do caixão. Duas velas acesas ladeando a imagem como se para facilitar a sublimação do espírito, conduzido fumaça acima.

Seu rosto era tão pálido quanto agora. A face lisa renunciando o bigode escuro. Os olhos abertos e imóveis provendo à imagem um quê de inanimado, de boneco de cera. E pensar que esse homem velho já foi jovem assim, talvez contasse quatorze anos. Cerrei a vista, mas nenhum detalhe sequer despontou para explicar a situação posada.

Voltei a vista ao homem deitado. Como ele continuou a não abrir os olhos, passei de leve a mão espalmada por sua testa, como se para conferir febre, e saí do quarto.

O silêncio da casa foi interrompido e Dona Celinda me abordou na saída. Contou-me que a maioria das visitas havia sido feita naquele dia, mais cedo, e que apenas aguardavam minha despedida para enterrá-lo. Suponho que intencionava fazer sentir-me querido por todos da casa, acolhido, mas o efeito foi justamente o oposto e enjoiei-me por não ter vindo antes. Uma última vexação do velho e sua família.

O funeral seguiu sem problemas, mas, enquanto meu pai era descido ao chão, sua foto em tenra idade não se desfazia da memória. É estranho ter a certeza de que o mundo sempre existiu e que apenas fragmentos seus são possíveis. A cota de terra e ar desse homem expirou, mas a vida segue. Ele nunca mais abrirá os olhos, e a luz do que foi visto ricocheteará para sempre nas paredes de seu crânio,

produzindo imagens cada vez mais esmaecidas e incertas de seu momento derradeiro. Nesse momento, entendi.



Depois da viagem para casa, exausto, deitei-me olhando para o teto, ensaiando o sono que logo viria. Abri a carteira e repositonei a imagem de minha mãe para fora de seu isolamento. Era santíssima, prena. Nunca poderia me desapontar. Não poderia ter me amado mais, nem se quisesse. Que acharia eu de tudo isso se tivesse morrido junto a ela no parto? Que pensaria que não os sonhos insones que meu pai agora sonha? É fácil assim morrer. É fácil.

Meus olhos cerrados e as mãos casadas no ventre, sobre a imagem de minha mãe. Posso sentir com os dedos seu sorriso improvisado, roubado de súbito pelo homem na câmara. Teria o homem na câmara se sentido verdadeiramente feliz de saber que compareci ao enterro? A impressão no ar é que não poderia ter me desprezado mais. Mas como posso afirmar isso? Como posso dizer que me odiou como o matricida que fui? Como pôde ele não me amar, se amou o suficiente para ter ido atrás de notícias clandestinas minhas, e ter por casa um surrupiado retrato meu. A fotografia do primogênito tida foto do patriarca por aqueles que não conheceram seu filho. Talvez quando for minha vez, a mesma foto, naquela mesma sala de revelação. A imagem de um homem fadado à morte, por parte de pai.

Capítulo 28

Gabriel Elias José

Em um salto, acordei atrasado. Vesti minha roupa – nem a melhor, nem a pior. Mesmo ritual de todas as manhãs: meia, meia, tênis, tênis. Ouvi dizer de pessoas que vestem meia, tênis, meia, tênis, mas eu nunca vou entender. Duas meias primeiro já aquecem os dois pés. Como de costume, liguei minha caixa de som. Atrasado ou não, eu me arrumo ouvindo rock, pra entrar no ritmo do dia. Escova, água, pasta, dentes. Ouvi falar de pessoas que seguem escova, pasta, água, dentes. Isso é irrelevante.

Enxaguei e olhei no espelho. O reflexo me encarou de volta. Sua pele não era mais tão lisa assim: lentamente, algumas poucas linhas já rasgavam suas verdades. Escondiam duros anos, noites em claro. Paralisias do sono, inúmeras, inúmeras. Cicatrizes profundas demais para uma ruga. Será que elas gostam de rock?

O mar dos meus cabelos prenunciava o tsunami. Sabe quando vem a onda e o mar recua? Em meus filamentos, não há mais ondas – só há a saudade daquelas águas de mar vermelho, hoje tomadas de néveas espumas. Meus olhos, míopes, penavam para ver os anos que o tempo, quando passou ligeiro, a cavalo, confiscou. O tempo é todo dele, é todo do cavaleiro. Ele só nos empresta, mas passa o tempo o tempo todo e o confisca.

Lembrei do meu atraso, olhei para o relógio: 07h45.

Mais 5 minutos, nem um minuto a mais. O tempo é do tempo e não posso desperdiçá-lo. Mais uma vez, fitei meus olhos, e miopia alguma mascarou. Neles não havia pé-de-galinha algum: havia as garras de uma fênix.

Sorri, peguei minha mochila e renasci para um novo dia. Há quem diga que, hoje, o tempo me tirou mais um ano. Eu já penso que ele me deu mais um.

Quarenta e cinco

Claudette Scaratti

A casa era grande, de dois pisos. No andar superior ficavam os quartos, na parte inferior, a cozinha, a sala do refeitório e o bar. Era um pequeno hotel do pacato vilarejo, de Arcoverde, distrito pertencente a Carlos Barbosa, município do Rio Grande do Sul. Lugar para pouso e refeições dos poucos viajantes que por ali passavam.

Os meninos Carlos, de 14 anos, e Claudio, de 12, de um comportamento aterrorizante, todos os dias aborreciam seu pai. Quando não era na própria casa, faziam arruaças com os vizinhos. O pai, senhor Nelson, homem calmo e de poucas palavras, fazia uso de seu chinelo com os meninos sempre que necessário.

À noite então, era o momento favorito e perfeito para as peripécias dos garotos. Divertiam-se jogando pedras nos telhados, utilizando uma funda, arma de arremesso constituída com galho de angico, uma borracha de pneu, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar — idêntica à arma utilizada por Davi para derrotar Golias.

— Hoje vamos assistir filme?

— Claro que sim!

— Quando todos estão dormindo pulamos a janela, descemos pela árvore e alcançamos o telhado. Deixei as janelas do quarto e da cozinha sem a tranca.

A televisão da casa ficava na salinha do andar inferior.

Naquela noite, na hora de costume, os dois foram para a cama, obedientes. Enquanto todos dormiam, eles sorratamente, andando na ponta dos pés, com cuidado para evitar os estalos que o velho assoalho de madeira fazia, moveram-se vagorosamente até o quartinho dos fundos, onde a janela já aberta os aguardava. Apoiaram-se nos galhos da pequena árvore debruçada junto a casa e no telhadinho que mal se sustentava em cima de algumas colunas de madeira podre. Os dois meliantes tinham tudo arquitetado nos mínimos detalhes.

Aquela não era a primeira vez, a farra acontecia com frequência, no entanto, os meninos não esperavam ser descobertos, não naquela noite. O pai que acordara para ir ao banheiro, percebeu algo estranho, ruídos. Concluindo que o ladrão havia invadido o bar, carregou sua espingarda de cano duplo, calibre 12, e foi conferir, movendo-se silenciosamente para surpreender o ladrão. Ao chegar ao bar, qual não foi a sua surpresa, eram os meninos que estavam assistindo à televisão àquela hora da madrugada, e pior, a um filme pornô! O pai, largou a espingarda e, de imediato, indignado, sacou de seu chinelo, e diga-se um enorme chinelo, de tamanho quarenta e cinco. A cena lembrava as corridas de Piquet e Fittipaldi. Os garotos, mais ágeis que o pai, correram às escuras em direção ao quintal, e assim permaneceram sumidos pelo resto da noite e do dia seguinte, evitando o encontro com o pai.

— Nossa, essa foi por pouco!

— Cara, apanhar de chinelo tamanho quarenta e cinco não é nada perto de levar um tiro de uma espingarda cano duplo calibre 12.

Uma desobediência que poderia tomar proporções de uma tragédia, caso o pai não percebesse a tempo que era apenas mais uma das peripécias dos seus garotos.

O fim das Dores

Lucas Guimarães

O Estado emitiu alerta de inundação extrema. Todas as famílias correram juntas para fora de casa sob a chuva. Quando Maria das Dores enfim chegou à porta, não havia ninguém para dar a mão a ela.

A senhorinha morava ali desde sempre. Agora, aos 89, não sabia mais ir embora sozinha. Esperou até perder todos de vista. Resolveu então voltar para dentro e, por um instante, agarrou os olhos ao telefone.

Sentiu de repente algo roçar suas pernas. Era Babão, seu vira-lata. Você prefere ficar, né, Babunzinho?! — disse ela ao amigo. Então sentou-se no sofá, ligou a TV e voltou a costurar o presente da netinha que havia nascido.

Faz 6 meses... ela vai vir me visitar logo — convenciona-se Maria das Dores sobre a netinha. Enquanto a chuva crescia do lado de fora, os olhos de Maria das Dores caíam sob a TV, que falava às paredes.

De repente um político muito bem vestido apareceu na tela e fez uma promessa: *Dou minha palavra, os caminhões de resgate vão chegar à região. A mensagem fez os olhos da senhorinha ascenderem como um sol.*

Mas a chuva aumentou e a tarde caiu. Maria das Dores sentiu pingos que rompiam o telhado. Foi devagarinho até o tanque e pegou um balde, dando um jeitinho no problema. Minutos depois precisou pegar panelas também.

Já era noite quando percebeu que os objetos não davam mais conta. Foi então surpreendida pelo mesmo político, que dizia agora que os caminhões não conseguiram acessar o local, mas que mandaria helicópteros.

A notícia não impediu a casa de gemer cada vez mais. Os trovões agitavam o cãozinho, que corria de um lado para o outro, enquanto Maria das Dores aflita tentava acalmá-lo. A tempestade estava em seu ápice.

Maria das Dores entrevia o lado de fora, como se buscasse por algo. Raimundo num tá — disse baixinho sobre o vizinho. E, de fato, não estava, ninguém estava, absolutamente ninguém estava. E as águas subiam.

Babão pulou no sofá e apoiou o focinho no colo de Maria das Dores. Só hoje, hein, Babunzinho — disse ela para o amigo. Passou então a costurar cada vez mais rápido o presente da netinha, até que sentiu um toque gélido.

A água já cobria seus pés. Maria das Dores desviou os olhos para um antigo retrato que estava na estante. Tardes lentas na praia com as crianças. Sua mente descia um abismo de afetos, enquanto a água subia pelas suas pernas.

O temporal não dava trégua e Babão passou a uivar. Calma, Babunzinho, eles vão buscar a gente. Mas a água já cobria o assento do sofá e o amigo, pela última vez, lambeu o seu rosto.

De repente, o político elegante apareceu de novo na tela: *Em virtude da intensa precipitação pluviométrica tornou-se inviável o acesso, diante disso, efetuaremos a evacuação*

sem falta no alvorecer.

Maria das Dores não entendeu o que ele disse, mas lembrava da promessa. Então continuou consolando Babão e preparando o lindo bordado da netinha, enquanto o barulho da TV sucumbia ao da chuva.

Os bracinhos trêmulos de Maria das Dores estavam estendidos no sofá. Ela nem percebeu quando a luz acabou. Mas o silêncio que se fez suscitou nela a lembrança de uma antiga esperança, recebida num domingo de infância.

De repente, a força da água despedaçou a janela e invadiu a casa. Babão, num piscar de olhos, pulou do seu colo e nadou para fora. A senhorinha com os olhos arregalados parecia não acreditar.

Foi então que Maria das Dores sentiu um barulho estúpido vindo do lado direito que rompeu todos os seus pensamentos. O caos se impôs num ritmo cíclico submerso que durou o tempo de um sopro.

Mas o eco voraz se diluiu. O som estridente deu lugar a uma sinfonia de consolos, que abraçou a senhorinha com o sol. Maria, enfim, passou pela porta e, lá, encontrou Alguém com as mãos estendidas a ela.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P745

Poiesis: o despertar da escrita [recurso eletrônico] / organização Carina Fior Postingher Balzan, Paulo Tonezer Júnior, Bárbara Pilatti Piffer. 1.ed. - Bento Gonçalves, 2024.

1 arquivo em PDF (45 p.) (Coletânea de textos I Sarau Literário Poiesis)

ISBN 978-65-5950-185-4

1. Poesia. 2. Contos. 3. Crônicas. I. Balzan, Carina Fior Postingher, org. II. Tonezer Júnior, Paulo, org. III. Piffer, Bárbara Pilatti, org.

CDU: 821.134.3(816.5)-1/8

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira CRB10/1933



póiesis



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves